



RASURAS E AFETOS:

fotografias e aulas de Geografia nas periferias de Campinas

*Alexsandro Sgobin*¹
alexsandro_sgobin75@hotmail.com

Resumo

Este texto trata de práticas de aula de Geografia em escolas da periferia de Campinas, com o uso intensivo de fotografias digitais que foram “rasuradas” em computador a partir de programas de edição de imagens. A intenção destas imagens “rasuradas” é de provocar o pensamento, em busca de novas formas de mirar o espaço geográfico, onde os jovens alunos participantes das experiências vivem: bairros pobres da cidade. A partir dos “mapas mentais” que eles já possuem, mapas construídos a partir das vivências cotidianas nestes bairros, buscamos um namoro entre estes mapas mentais e a geografia “formal”, resultando, talvez, em geografias mais inusitadas.

Palavras-chave

Fotografia digital, Escolas públicas, Geografia.

ERASURES AND AFFECTIONS:

photographies and Geography lessons in the outskirts of Campinas city

Abstract

This paper discusses practical lesson in schools on the outskirts of Campinas, with intensive use of digital photographs that are transformed into computer (suffer "erasure"). The intent of these images is to provoke thought in search of new ways of looking at the geographical space where these young students living: slums of the city. From the "mental maps" that they already have (maps constructed from the daily experiences in these neighborhoods), we seek a "dating" between these mental maps and “common geography”, resulting perhaps in more unusual geographies.

Keywords

Digital photography, Public schools, Geography.

As pipas

Agosto é mês de pipa na periferia. Mas, verdadeiramente, sempre é mês de pipa entre estes casarios de tijolo à mostra, construção tortuosa e mato dentro dos campinhos de futebol. Todavia, em agosto o céu se enche: colore-se o

¹ Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e professor efetivo de geografia nas redes Estadual de São Paulo e Municipal de Campinas (SP). Av. Justiniano de Melo Franco, 63. Jardim Campos Elíseos. Campinas (SP). CEP 13060-046

seu azul, ou vermelho ou cinza, com retalhos de papel que debicam selvagens, ao gosto dos meninos que riem e praguejam, gritando palavrão... “é o jeito deles”, como cantou Brown².

As vozes das crianças são as primeiras impressões que se têm ao caminhar por estes bairros pobres, seguidas do *funk* e do *rap*, a pleno volume nos alto-falantes dos carros que passam. Desejando linhas mais enamoradas da estética do que do caos, o olho, desacostumado ou mais preconceituoso, presto se aborrecerá percorrendo estas ruas de relevo acidentado, cujas casas desdenham da simetria, onde os postes são arte surrealista, onde caras cansadas de Donas Marias e de seus Josés circulam, onde há botequins de má catadura... que perigo é essa rua aqui! Cansar-se-ão o olho e os pés, no relevo que tem em si planícies, planaltos, elevações e abismos, emoldurados pela precária infraestrutura...

É toda uma geografia rica... e de geografia, imagens e fotografias da periferia de Campinas, é que tratará este texto.

Houve ocasião em que, caminhando por estes relevos, perguntamos: quantas geografias não se poderão aqui construir aqui no Novo Campos Elíseos, Jardim Santa Lúcia, Morro do Fumaça, Rua 28, Vila Rica³?

Assim, iniciamos aulas de rua, nas quais as classes saíam aos bairros, no entorno das escolas⁴, traçando mapas, discutindo fenômenos urbanos, vasculhando tocas, os alunos fotografando quanto desejassem dos espaços visitados.

A busca é de geoimagens, obtidas por meio de fotografias digitais, que serão depois colocadas em *blogs* abertos pelo professor. Tais fotografias efetuam-se como recortes do espaço destas periferias, não em busca do espaço extensivo mas do espaço *intensivo* –com elas, falamos de lugares nos quais o *uso* do espaço é intenso, lugar onde se chega e se é, já deitando raízes. É onde há que buscar cada palmo de terra para construir, ficar, amar ou fugir. O espaço sem uso não é

² Mano Brown, cantor dos Racionais MC's. Em aspas, trecho da música “Fim de Semana no Parque”, de autoria de Brown.

³ Bairros, favelas e ruas da periferia de Campinas.

⁴ E.E. Norberto de Souza Pinto, no Jardim Novo Campos Elíseos, EMEF “Elza Maria Pellegrini de Aguiar”, no Parque Dom Pedro II, e EMEF Raul Pila, no Jardim Flamboyant.

bem visto (dir-se-ia assombrado). Isto é se apoderar do que propõem Deleuze e Guattari (1997: 163), quando dizem que:

Enquanto no espaço estriado as formas organizam uma matéria, no liso, materiais assinalam forças ou lhes servem de sintomas. É um espaço intensivo, mais do que extensivo, de distâncias e não de medidas. *Spatium* intenso em vez de *extensio*.

O espaço estriado é moldado pelos poderes hegemônicos, e em seus sulcos e relevos há caminhos que convém seguir, estão assinalados para isso, ou pelo menos vê-se alguma placa apagada e rota, na maioria das esquinas e atalhos, desencorajando as ousadias – quem é você?... mas ainda que os espaços estriados forcem o controle, o tempo todo alisamentos ocorrem, astúcias extravasam pelos poros das estratégias hegemônicas, das centralizações impositivas; não fosse assim, por rigidez o corpo da sociedade há muito não se teria desmoronado?

Não estaríamos falando, também, de inúmeros alisamentos, quando nos referimos à escola, corpo que tende ao estriamento, mas a cada momento é desafiado pela (s) intensidade (s) do espaço liso, do pensamento liso, venham estes alisamentos dos alunos, dos professores e mesmo da gestão, em sua lide (embate?) com as tramas burocráticas?

Alisamentos, resistências, astúcias criadoras de mapas informais extenso-intensos: o apego à “quebrada”, por parte de muitas das crianças e adolescentes que aqui vivem, é real, e muitas vezes *territorial*: há certos limites que podem ou não ser ultrapassados, conforme reine a paz ou a “treta” entre gangues de pichadores de bairros diferentes, entre traficantes rivais, entre moradores de bairros diferentes, mas, também, há aqueles lugares em que é bom estar-se a sentar e divagar, tecer namoros ou discutir a conquista do mundo: ágora.

Que percepções têm deste espaço superaproveitado? Não teriam seus próprios mapas mentais? Mapas mentais, cujo desconhecimento ou ousadia no ultrapassar certas fronteiras, pode custar caro, e/ou apontadores deste ou daquele recorte de espaço como *meu* ou como *nosso*, posse afetiva, adensamentos que

podem ser mapeados, ou fotografados, tornando-se a fotografia mil outros mundos e geografias possíveis?

Mapas [mentais] fortemente amparados pelas *imagens*, que a retina fixa dia após dia no caminhar dos moradores destes lugares, códigos indicadores não apenas do caminho a se seguir (lembança), mas também daqueles caminhos que *‘não convém passar por...’*. Encontramos dezenas de alunos de posse destes mapas inscritos na mente e na pele, capazes de traçar limites precisos por sobre as ruas e as vielas, denunciando “aqui um local de encontro dos ‘manos’; ali um ponto de tráfico; nessa rua, eu dei meu primeiro beijo, professor!!; daqui a duas ruas, nós chega na 28, acaba nosso território, liga? melhor nós ficar aqui, nós não vai fugir não; é aqui, bem aqui, professor, que o mano Christopher bateu a moto... Deus buscou ele na hora, foi sem chance!”

Se além de mapas “comuns”, permitíssemos que estes mapas mentais viessem a tona e brincássemos com eles, *rasurando* as fotografias obtidas para elevar afetos a enésima potência, não teríamos aí uma possibilidade? ou mil?

Com as fotografias rasuradas, preparamos alguns caminhos, e, neste texto, apresentaremos dois movimentos: o primeiro, diz respeito às experiências que já são realizadas desde 2008, com fotografias digitais, e, o segundo, trata de uma sugestão de uso mais radical destas fotografias.

Fotografar estes espaços-intensos, construindo geografias/geoimagens “não oficiais”, mais vagabundas, pulsantes de potências e linhas de fuga... Assim, entremos na primeira viela, lestos.

Vielas

Enquanto avançamos por entre este estreito corredor de concreto, enfeitado por poças d’água rebrilhantes e muros envelhecidos, uma consideração vem à baila: trata-se, nestas práticas a que aludimos, de *construir* geografias e *visitar* geografias já existentes: queremos construir geografias destes espaços pobres que a maioria dos alunos conhece bastante bem, tendo com ele vínculos afetivos (*spatio intenso*). Também queremos visitar as geografias que eles já possuem, derivada de andanças, ideias, preconceitos, aventuras absorvidos

durante seus onze, doze, treze anos. Esta geografia pode não ser formal - certamente não o é - mas não é menos geografia. Porque não, propor um namoro entre construção e visita, a partir de imagens?

Enquanto caminhamos, dezenas e dezenas de fotografias foram produzidas. Depois escolhemos quais chamaram mais à atenção. Nelas, eu, como professor, provoquei rasuras, uma vez que, nos primeiros anos destas práticas, as escolas não tinham laboratórios de informática disponíveis, seja pela inexistência das máquinas, seja pela falta de manutenção delas. Então, andemos mais. São dez da manhã e ainda estamos longe. Apressem! Perderemos o intervalo e o lanche!

Continuemos, mirando um pouco mais à frente: surge uma ponte de metal e madeira, em forma de arco. Há que atravessá-la devagar. Eis que range e oscila, mais do que se gostaria. Há áreas com vielas, passagens impressionantemente estreitas e íngremes. Sobe-se e desce-se por estas vielas com sofreguidão. Estas geometrias tortuosas são familiares aos moradores, espaço seguro [sei quem sou e por onde caminho], criador de laços afetivos em bairros, nos quais boa parte das pessoas tem sua mobilidade restrita ao local de trabalho, às visitas aos parentes e amigos, uma ou outra ida aos *shoppings* e ao Bosque. O que a noção de “global” teria a dizer a estes moradores e a seus filhos, cujos olhos maternos me espiam, enquanto bronqueio acerca do incrível alarido das crianças nas ruas?

Não se trata de desdenhar da Geografia formal e do espaço global, em detrimento de uma Geografia do “lugar” (embora este possa ser forte), pois seria negar, àquele que nos ouve, o conhecimento de processos *mundiais* que incidem no local em que vive, por vezes transformando-o, por vezes *ignorando-o*: tudo tem sua importância aí.

Não. O que se deseja é utilizar imagens rasuradas, em computador, em lugar de imagens “naturais” – quê?- das periferias que estudamos, para provocar geografias –quem sabe? – inusitadas. Geoimagens que namorem (bom termo este!) com o processo de aula, aí incluídos a voz dos alunos, os textos produzidos e os textos lidos, trechos de filmes, as andanças, o ato de fotografar os

lugares pelos quais passamos, a fala do professor e o bom dia do vendedor de lanches.

Começemos tasteando o caminho: vejamos a imagem seguinte, por exemplo.



Figura 1

Que nos diz ela?

“Os Mais Imundos” e “Os Registrados” são as duas maiores gangues de pichadores de Campinas. Seus territórios são delimitados e apresentados pelos símbolos pichados nos muros das áreas pertencentes a cada uma delas (uma caveira estilizada no caso dos “Os Mais Imundos” e um morcego no caso d’“Os Registrados”). Naturalmente, o mapa destas territorialidades muda e pulsa: conquistas são feitas, combates são travados, acordos celebrados, geografia viva (e poderia ser de outra forma?).

Assim, já percebeu o leitor, que a figura 1 é todo um discurso; nada mais é preciso escrever. Quando a imagem é exposta a alunos não-pichadores, mas moradores do entorno, faz-se imediata a compreensão:

Sgobin, A.

- Nossa, então é por isso que o Douglas e o Rogério (nome fictício) não põem o pé na Rua 28!...

- Ah, quer dizer que cada um tem seu território...

- Significa que os direitos de pichar são divididos bem certo pra cada gangue.

Esta ainda é, de certa forma, uma imagem “didática”. Sua mensagem está clara, apenas a apresentação carrega no contraste, pouco mistério existe para se descobrir. Há ali mais escola do que mágica. Mas, se demandássemos mais a *mágica*?...



Figura 2

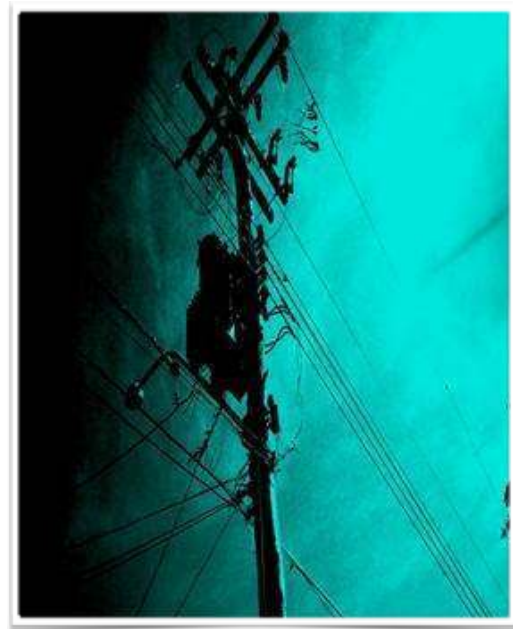


Figura 3



Figura 4

Permite-se arriscar: as figuras 2, 3 e 4 não dizem apenas de *pixos*, mas de fragmentos da cidade, locais por onde andamos ou pelo menos reconhecemos como fazendo parte dos bairros em torno da escola [se fossem bairros em qualquer outra periferia do mundo? Eis uma provocação!], e as imagens vão forçando cada vez mais a rasura: ao invés de caminharem apenas de mãos dadas (atadas?) com o assunto em discussão (caso em que a escola faz uso de uma imagem, uma fotografia, tão-somente como registro ou confirmação do que se quer dizer), as imagens rasuradas podem caminhar ao lado, a frente, por sobre, debaixo, além, aquém, dentro do assunto, do processo de aula...ou mesmo tomar outros caminhos: eis que foge!...por onde terá ido? Quem a acompanhou?, Patrícia e Leonardo que parecem não temer brincar a rasura, *dançar a rasura*; animada jinga!

Isto é: buscar mais a ficção que o “registro objetivo”, pretensa natureza da imagem que é comumente utilizada em situação de aula. Nenhum fenômeno novo, conforme nos diz Geoffrey Batchen (1997:210),

La diferencia principal es que mientras que la fotografía sigue reivindicando cierta clase de objetividad, la producción de imágenes

digitales sigue siendo un proceso abiertamente de ficción. Como práctica que sabe que no es más que pura invención, la digitalización abandona incluso la retórica de la verdad, que há sido un elemento de gran importância en el éxito cultural de la fotografía.

Que estaremos fazendo ao torcer e rasurar fotografias digitais, senão produzir ficções, como diz Batchen (1997)? Estas ficções têm, também, *intencionalidades* e uma delas é chamar à mágica, flertar com a imaginação dos jovens alunos, fazer derivar o pensamento – eu brinco!

Quando a imagem é rasurada em busca do mágico, esta se põe a namorar com o processo de aula, e não apenas a “reforçá-lo”. Dentro do universo que é uma aula, a imagem pode, assim, tornar-se todo um *outro* mundo e não apenas uma cidade, um bairro, um recorte de espaço dentro de um mundo já posto. Mil caminhos possíveis.



Figura 5

Pode ser que elevemos a enésima potência as intensidades às quais já nos referimos [meu espaço, meu bairro, minha quebrada]; às afetividades e

mapas mentais que já existem nas mentes de Fernanda, Luisinho e Lorryene, queremos apresentar imagens rasuradas que quiçá namorem com estas afetividades/mapas mentais, fazendo [ainda] mais produtiva uma usina que já é produção de produções. Trata-se, convêm lembrar, de um convite aos alunos, estes com pleno direito de aceitá-lo ou não, o que, longe de sugerir uma dicotomia sucesso/fracasso, é, no caso, multiplicidade, infinitas linhas possíveis.

Tomemos a figura 5, produzida a partir de uma visita a uma favela na região do Jardim Boa Esperança, Campinas: a intenção da rasura, de modo algum, é acrescentar “camadas de hiperrealidade” umas sobre as outras (e de qualquer forma, isto seria possível?). A pretensão é entrecruzar linhas, embaraçá-las umas às outras, sem que se olvide aí a escolha. Não queremos ajudar o aluno a encontrar a “senda correta”, queremos *atrapalhá-lo*, convidá-lo ao brinqueado, desdenhando a rigidez; não ignorando *toda a ordem*, o que seria irresponsável, mas deixar abertas viandas de des-ordens, mais cor e contraste, objetos inusitados nas imagens, mais gente na ciranda, toda a gente que for possível, ou talvez ninguém, apenas o silêncio das cores suaves: *pianíssimo*.

- Quando eu vejo essa foto aqui, professor, eu vejo uma caixa, mas não era pra ser caixa a rua, que é aberta e é melhor por causa disso, caixa mesmo é a nossa casa, eu acho assim: tudo apertado, a escola mesmo, que outro dia o senhor comparou com a nossa sala com uma caixa de concreto (risos). Na rua a gente é mais livre, e era pra ser assim na nossa casa, então: por que onde a gente mora é tão apertado? Quem fez isso? Pra mim é o governo, eles não liga a mínima, eu gosto mais é da rua, tudo aberto, cheio de ar...

1: deixar que as geografias já existentes no mundo dos alunos namorem com as geografias propostas pelo professor;

∞: deixar que as imagens rasuradas, de recortes do espaço geográfico das periferias, namorem com estas [já] múltiplas geografias, sugerindo formas de mirar tais espaços, que talvez sejam...e sejam...e sejam...

Multiplicidades

Dissemos, até agora, da rasura de imagens praticadas pelo professor: neste momento, o aluno é o fotógrafo, e o docente, o responsável pela transformação, em meio digital, das fotografias obtidas. O leitor atento terá já percebido que algo importante ainda não foi trazido à baila, o *próprio ato de fotografar*; imenso potencial, intencionalidades e desejos que carregam as mãos que erguem a câmera, o corpo que se apruma e o olho que se fixa no motivo.

É preciso estar atento: aquilo que um aluno escolhe fotografar tem toda uma intencionalidade, e os afetos que guarda em si podem explodir na imagem, ou quem sabe apenas acenar timidamente, sem se mostrar de corpo inteiro; e embora o ato de fotografar não seja o ponto de partida de nossas experiências (como se viu, é o *resultado* do processo de rasura, as imagens transformadas, a potência que se espera desencadeie linhas de fuga), é preciso tê-lo em mente e respeitá-lo, sob pena de se considerar apenas a rasura promovida pelo professor como potência.

É dizer, com isso, que à já impressionante trama de caminhos possíveis acresce mais uma infinitude: o ato de fotografar. Podemos dizer, das experiências descritas até aqui neste texto, que a metade do caminho foi trilhada pelos alunos ao tirar fotografias dos locais nos quais passamos em aula de campo, e a outra metade pelo professor, ao inserir efeitos nas fotografias adquiridas; por que não deixar com que eles tracem o caminho todo e rasurem eles mesmos as imagens?

Neste caso esbarramos seguidamente em impedimentos relativos à falta de equipamentos (ou equipamentos aguardando manutenção) nos últimos meses de 2012, o que não permitiu levássemos a cabo esta tentativa com toda uma classe. Contudo, alguns alunos que se dispuseram a produzir ficções eles mesmos com as fotografias de passeios de campo animaram-se com a responsabilidade que lhes foi atribuída, e com a liberdade de produzir quanto entendiam como sendo necessário em relação às transformações desde que se respeitasse alguma relação com o referente - demandávamos a rasura, frise-se, e não a distorção total da imagem.

Esse cuidado com certa manutenção do referente da imagem original convém ser respeitado, uma vez que algumas práticas de aula nas quais as rasuras nas imagens foram executadas por alguns alunos com quase total distorção da imagem original confundiu os colegas, *que não conseguiram estabelecer relação alguma com o assunto em questão.*

O que não é a intenção: o que se deseja é semear veredas novas, mas sempre havendo uma conexão com a “realidade” da fotografia original, e isto se explica pela ainda muito forte “escolarização” da circulação das imagens entre os alunos nas situações de aula: algo se mantém firme e enraizado, arriscado ceifar a raiz, melhor enroscar-se nela, chamá-la para o pique-esconde. A maioria dos alunos participantes de nossas práticas com imagens rasuradas (fala-se de mais de duzentos alunos) *ainda precisa* de alguma raiz, daí a constante construção cotidiana de *pequenas liberdades*, liberdade (s) de mirar as imagens sem medo, andar sobre elas com os pés descalços e não com pesadas botas escolares.



Figura 6



Figura 7

Assim, a produção de rasuras pelos próprios alunos (como as figuras 6 e 7) é uma opção a ser melhor explorada, e seu interesse, parece-nos, reside bastante na co-participação plena dos alunos no processo de aula e de produção de conhecimento, subvertendo a rigidez da hierarquia professor-aluno: chamamento à ciranda de roda é o que se quer, professores-alunos-imagens-letras-falas-gestos-musicamentos, ei-la que chega, uma mágica, e encontra portas abertas e um convite risonho.

Naturalmente, quando se desdenha assim da rigidez escolar abre-se um mundo à aventura, e toda *afirmação* deve ser vista como discutível: quem poderá dizer que esta ou aquela imagem, enamorada ao texto-barulho-briganamoros-discussões-correção-amo-aquela-menina-prova-caneta-azul-ou-preta, realmente chamará a olhares mais matreiros? Por que alguns dos jovens alunos participam da brincadeira e outros se seguram na cadeira, receosos? Por que hoje a mágica não aconteceu? Estaremos *mesmo* em caminhos alvissareiros?

Tudo isso supõe um risco; seja! não se busca “respostas”, escutem, meninos e meninas, queremos as *dúvidas*, são mais divertidas, eu brinco, brincadeira todos, não temam!, rasuremos, estamos resistindo, *re-existindo* em relação a um poder, o poder da/na escola, exercido pelo corpo gestor e pelos professores, que geralmente opera através

da reprodução de normas e procedimentos já construídos (a fila, a disciplina, as avaliações formais, as punições...); o poder da lógica do documento, que opera na localização da fotografia apenas no sentido de evidência do real. Poder reto, poder sério demais. Ou *pouco sério*?

Que se convide a inusitadas miradas do olhar nas imagens de geografias da periferia que construímos, quiçá geografias inesperadas surjam das rasuras, afeto sobre afeto, afetos de mãos dadas ou pula-sela, veja esta foto: o que ela lhe diz?

- *É a minha vila...minha quebrada. Mas mó diferente, hein?*

- *Diferente?*

- *Essas cor...ô loco, sangue, tem uns pinguim aqui?!*

- *Parece que sim...*

- *Loco, hã? Pode até ser mesmo, professor, a geografia da favela, tá ligado?,é tanto entulho que tem na minha rua que pode mesmo aparecer um pinguim! O lixo, tá ligado?,se for muito faz umas química...capaz de gelar a rua! Num sei, acho que pode, hein? Agora prestei mais atenção nesse lixo todo, antes de ver aqui [na foto] a gente nem percebia mais ele...*

Referências

ALMEIDA, Milton José de. **Notas de aulas**. 2010.

BATCHEN, Geoffrey. **Arder em desejos**. La concepción de la fotografía, Barcelona: G.Gili, , 2004.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1. São Paulo: Ed. 34, 1995-1997.

PARRA, Henrique Zoqui Martins. **O leviatã e a rede: mutações e persistências político-estéticas**, Campinas: Tese de Doutorado, UNICAMP, 2009.

Recebido em 16 de julho de 2013.

Aceito para publicação em 30 de outubro de 2013.